



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A FESTA DE NOSSA SENHORA APARECIDA NO BUGIO-ARACAJU/SE: SENTIDOS, RITMOS E FORMAS

Rodrigo Santos de Lima
Mestrando em Geografia – NPGEU/UFES
rslrodrigo@yahoo.com.br

Maria Augusta Mundim Vargas
Prof^ª Dr^ª NPGEU/UFES
amundim@infonet.com.br

Resumo: o artigo trata dos sentidos, dos ritmos e das formas de festas religiosas e toma a festa de Nossa Senhora Aparecida, realizada em um bairro da cidade de Aracaju, como objeto de análise. Sem pretensão de estudo comparativo parte do traço religioso unificador para uma reflexão sobre a identidade territorial dos habitantes do bairro, imbricada com o signo e o simbolismo da festa.

Palavras-chave: festa de fé; espaço vivido; espaço urbano; Nossa Senhora Aparecida; Aracaju/SE

I – INTRODUÇÃO

No contexto de uma manifestação do sagrado, as comemorações à Nossa Senhora Aparecida realizadas distantes do Santuário da Basílica da Padroeira do país, trouxe-nos, num primeiro momento, a inquietação de reprodução do turismo religioso ocorrente na matriz de Aparecida do Norte/SP, bem como toda a carga de externalidades contida na mercantilização do sagrado. Isso ocorreu pela informação de que dentre as aproximadamente 3000 (três mil) festas tradicionais ocorrentes em Sergipe anualmente (VARGAS & NEVES, 2009), muitas delas são de padroeiros associadas à manifestações sacroprofanas, com nítidos sinais de ressignificação impulsionados pela mercantilização. No entanto, tal abordagem foi afastada do foco de nosso estudo pois provocaria um distanciamento da dimensão simbólica associada aos valores e aos modos de vida de nosso interesse.

Interessou-nos nesse mergulho escalar observar no espaço sagrado de uma paróquia situada em um bairro “novo”, com pouco mais de 30 anos; o sentido simbólico



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

da presença de um templo à Nossa Senhora Padroeira do Brasil. E, assim, adentramos no cotidiano do bairro observando a convivência (real), os significados do templo para a comunidade até alcançarmos a festa, data marco de reverência e da fé.

Como expressão cultural, as festas tem grande importância pois, estampam a dinâmica cultural, exprimem o modo de vida, alteram o cotidiano, muitas das vezes invertendo-o, mas sempre colorindo o espaço vivido! Enquanto dimensão do cotidiano que se altera, as festas são permeadas por gestos e sentimentos afetivos que se abrem à idealização dos sentimentos e ampliam a sociabilidade e a solidariedade.

Indagamos, portanto, se tais significados estariam presentes na festa à Nossa Senhora Aparecida da paróquia do bairro Bugio. E, ainda, se são constituintes da construção de uma identidade territorial, se constituem traços e marcas da identidade e/ou, elemento unificador reconhecido da identidade.

Diante do exposto o artigo está estruturado em duas partes. Na primeira, expomos a paisagem do cotidiano do bairro Bugio. Escolhemos esse título pela possibilidade de retratarmos as formas visíveis do bairro bem como algumas cenas cotidianas, com o intuito de situarmos o templo e a fé no dia-a-dia dos habitantes do Bugio. Na segunda parte, tratamos a paisagem da festa, também uma paisagem em movimento que, distinta daquela do dia-a-dia, imprime outros sentidos, ritmos e formas. Finalizando, tecemos algumas considerações sobre a construção da identidade territorial.

II- A PAISAGEM DO COTIDIANO

O que hoje é o bairro Bugio teve início, em 1979, com a construção do conjunto habitacional Assis Chateaubriand, constituindo-se um dos poucos bairros de Aracaju em que a ocupação não se fez através da iniciativa privada, mas pela ação do Estado. Como ocorrido na grande maioria dos conjuntos habitacionais, o entorno foi ocupado



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

espontaneamente por população de baixa renda, inicialmente, e no presente, totalmente circundado por invasões, o que fez transformar o conjunto habitacional em bairro.

Os primeiros moradores enfrentaram uma série de problemas convivendo com situações precárias até 1985 quando a administração municipal levou benfeitorias como rede de esgoto, calçamento e arborização, melhoria no acesso. A consolidação do bairro ocorre com uma nova ação pública de infraestrutura, entre 2005 e 2008, com a urbanização das maiores invasões contíguas aos limites iniciais do conjunto. Os seus aproximadamente 18 mil habitantes vivenciam o espaço “do Bugio” inseridos na dinâmica contemporânea da globalização, mas constroem pelo cotidiano, um território peculiar.

A banalidade do dia-a-dia do mundo vivido nos remonta a uma realidade geográfica que pode ser observada na dinâmica do território funcional e simbólico, proporcionando a compreensão das estruturas sociais, econômicas, políticas, religiosas, etc. (DE CERTEAU, 1997). Segundo Lefebvre (1991), o cotidiano é uma soma de *insignificâncias*, não de *insignificantes*. A banalidade é importante na vida, o levantar, abrir a janela, apreciar o tempo, sentir os sons e os cheiros do dia ao amanhecer. É o banal do dia-a-dia que faz nossa vida *ter* significado nesse mundo.

São numerosos os habitantes do Bugio que trabalham no bairro em comércio e serviços e se manifestam como privilegiados por poderem deslocar-se à pé para o trabalho e ainda, por desfrutarem de maior convívio com os demais. Para eles, o Bugio “tem algo inexplicável”, “minha vida é aqui no Bugio”. As donas de casa e os desempregados constituem parcela significativa da população. As donas de casa, no seu dia-a-dia percorrem as ruas do bairro nos seus afazeres, vão às praças, às igrejas, ao supermercado, ficam nas portas conversando com os vizinhos, utilizam os serviços existentes e dão sentido a sua existência ao realizar tais práticas cotidianas. Tais relações de convivência associam-se ao que Heidegger (1927), chama de “ser com os outros”, desvelando a não existência do ser a partir da individualidade, é preciso está ligado aos seus semelhantes para a determinação do sentido de ser.

O cotidiano é aquilo que “nos prende intimamente, a partir do interior [...] é uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velados” tal qual



nos expõe De Certeau (1997, p. 31) e, os moradores do Bugio exprimem e realizam sua história ao se colocarem nas calçadas de suas casas ao entardecer e nos finais de semana, ao expandirem a moradia, “vestindo” a paisagem com outros objetos e sentidos; atentos ao anúncio do carro de som avisando notas de falecimento e no movimento para as escolas, para o trabalho e para os cultos. Movimentos tão genéricos e tão particulares do Bugio, pelo traçado e pelo ritmo próprio de seus moradores.

Com efeito, esta relação “ser com os outros” está contida nas questões do ser-estar-aí, que resulta na revelação do sentido da existência do ser do homem cotidiano, no dia-a-dia e nas suas práticas e afazeres no contexto espaço-temporal que se estabelecem. A partir da observação realizada (LIMA, 2011) ¹, conseguimos notar as práticas cotidianas dos moradores do Bugio que são mais representativas (tabela 01).

	Em casa	Trabalha	Esporte e lazer	Estudo	Associação	Igreja católica	Igreja Evangélica	Totais
Manhã	25	23	4	5	5	2	0	64
Tarde	24	23	13	5	6	1	0	72
Noite	36	9	12	7	3	6	6	79
Totais	85	55	29	17	14	9	6	215

Tabela 01: Rotina dos moradores

Fonte: Lima, Rodrigo. 2011.

Os mais jovens os aposentados e as mulheres adultas correspondem à grande maioria que permanecem “em casa” nos três turnos. O que se observa é um movimento pendular dos que trabalham “fora” do bairro, mas também uma dinâmica interna promovida pelos que vivem e trabalham no Bugio, usufruem de suas praças e academias, dinamizam as associações, praticam suas religiões e organizam suas festas.

As praças e as associações constituem espaços públicos e de representações características do Bugio, demarcando o convívio coletivo e a paisagem do bairro, pois são atividades repetidas do lazer e dos afazeres do cotidiano dos moradores. Na

¹ Lima (2011) entrevistou 54 moradores no período de junho a agosto de 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

composição da paisagem em movimento o fluxo interno de estudantes das mais de vinte escolas (cinco públicas) e o fluxo pendular de trabalhadores conformam um pulsar que lhe confere certa centralidade com relação aos bairros vizinhos. Daí a presença de terminal de ônibus, mercado municipal, feira livre, postos de saúde e unidades de segurança nas proximidades da Praça Osvaldo Mendonça, estrategicamente situada na porção central do bairro.

Todavia, estas práticas rotineiras destacadas e gestadas no cotidiano conferem particularidade ao Bugio quando entrelaçadas às práticas religiosas. As relações de trabalho, a vida social nas praças intensamente utilizadas para o lazer e esportes, os acontecimentos econômicos, as manifestações públicas, estão aí impregnadas pela cotidianidade das atividades religiosas (grupos religiosos, pastores, pregadores, etc.), sendo a festa de Nossa Senhora Aparecida o marco maior que dá sentido a identidade territorial para com o bairro.

A religião é presente na vida humana visando à transcendência ou imanência, faz parte da cultura. Ela envolve aspectos dos fatos concretos e simbólicos do cotidiano, sendo que, este último é carregado de significados tornando uma característica da experiência humana. É a busca pelo significado de sua existência. Observamos no bairro Bugio vinte e um templos evangélicos, dois terreiros de religiões afro e um templo católico que demarcam a paisagem pela distribuição dos prédios no bairro e pelo movimento de fiéis nos momentos de culto e rituais festivos.

A maioria dos templos evangélicos situa-se nas periferias do bairro predominantemente em pequenos prédios com pouca estrutura. Os fiéis evangélicos frequentam suas igrejas, sobretudo à noite sendo o culto de domingo o mais frequentado. Ao término dos cultos é comum a permanência dos fiéis nas calçadas e praças próximas. O encontro se estende com conversas movimentando os arredores e aslanchonetes e quiosques destes espaços.

Os locais onde se realizam os cultos afro não são propriamente templos, nem pela arquitetura e tampouco pela presença de signos e placas. São locais “do conhecimento” da população. O fato é que a presença da religião afro e do significativo número de igrejas evangélicas traduzem a pluralidade destas representações, mas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

também, uma territorialidade que “é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território” (ROSENDAHL, 2005, s/pg).

Embora com apenas um templo, a territorialização da religião católica traduz mais fortemente o entrelaçamento entre a cultura e espaço. A grande maioria da população é católica, a igreja é frequentada nos três turnos, a paróquia é de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do país e está situada na principal praça do bairro. A construção do templo deu-se concomitantemente à implantação do conjunto e já conta com mais de 30 anos de ofícios.

Observamos que a paróquia de Nossa Senhora Aparecida constitui o lugar simbólico mais importante para os moradores, pois a imagem do bairro está fortemente associada à religião católica. Indagados sobre o que representaria a imagem do Bugio, 77,7% e até mesmo evangélicos consideram que a Igreja de Nossa Senhora Aparecida conforma o símbolo mais importante do bairro (LIMA, 2011), desdobrando tal imagem com o marco maior da festa de Nossa Senhora Aparecida que trataremos a seguir.

III – PAISAGEM DA FESTA

Festar algo é abordado como quebra ou ruptura do cotidiano por muitos autores ao criar um espaço-tempo diferenciado, ao concretizar coletivamente sentimentos e sentidos comuns. A festa religiosa não foge a essas afirmações, acrescentando a força simbólica de Nossa Senhora Aparecida, momento em que a coletividade “reafirma as relações culturais e a cultura que lhes são próprias” (PRIORE, 1994, p.10).

A peregrinação e a festa à Nossa Senhora Aparecida ocorrem há cerca de trinta anos, inicialmente realizadas na pequena capela que existia no local. O atual templo, mesmo que modesto, é bem maior do que a capela original e foi construído há vinte e cinco anos. Desde o início os rituais dos festejos são realizados no período de 03 e 12 de outubro, apreendida como “data fechada, fixa, cíclica” pelos fiéis e peregrinos (LIMA, 2011; VARGAS *et al*, 2010).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A festa é um meio de organização social e no Bugio é totalmente realizada pela paróquia juntamente com seus dezesseis grupos religiosos, mas é o padre quem coordena as atividades desde o novenário até a finalização da festa com a procissão, de acordo com as orientações da Diocese. Um dos grupos é escolhido para coordenar o novenário e escolher os temas de cada dia. Os demais constituem as comissões responsáveis por: *i) liturgia*, encarregada da seleção das músicas cerimoniais e articulação com os coroinhas e com o grupo das senhoritas; *ii) Acolhimento*, encarregada da recepção dos idosos e crianças, geralmente encaminhados para espaços apropriados com filmes e brincadeiras relacionados a religião católica; *iii) Apoio*, constituída apenas de homens, é responsável pela segurança nas caminhadas e, no dia da procissão, carregam o andor de Nossa Senhora Aparecida; *iv) Gastronomia*, coordena desde a organização da quermesse à venda de alimentos para arrecadar fundos para a festa; *v) limpeza*, responsável pela manutenção dos espaços da paróquia durante o novenário e o dia da procissão.

A participação dos grupos na constituição das comissões e o entrosamento com a comunidade do bairro são fundamentais para o êxito da festa. São eles os responsáveis pela transformação do espaço, estabelecem as regras e os ritos da cerimônia, delimitando “o objeto e o espaço sagrado” (ROSENDAHL, 1996). A praça e o bairro se transformam com um fluxo convergente para a praça.

Brandão (1978), ao abordar o sentido da festa, afirma que não há mais gratuito e humano do que a necessidade de repetir, refazer, lembrar comportamentos e valores. É isso que a comunidade “teima” em reproduzir! A quermesse é iniciada no primeiro dia do novenário e as atividades desenvolvidas são claramente configuráveis e legíveis. Às cinco horas da manhã os sinos badalam anunciando o início da novena com uma caminhada pelas ruas do bairro, com orações e cânticos em louvor à Nossa Senhora, antes de adentrarem no templo para os rituais da mesma. O percurso das caminhadas altera-se a cada dia de forma a cobrir todo o bairro. A alvorada festiva ocorre no primeiro dia de novena e no dia da procissão. Os sinos e os fogos anunciam o início dos festejos e sua data máxima! A maioria das barracas assentadas ao redor da igreja vende alimentos (doces, bolos, salgados, arroz doce e quentinhas – prato feito – no almoço e jantar) e, produtos religiosos nos três turnos até às vinte e uma horas. Às dezoito horas,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ocorre de forma especial a oração do Angelus; às dezenove a comissão de Acolhimento recebe os fiéis e às dezenove e trinta inicia-se a missa cada dia com um padre convidado. Nos últimos quatro dias que antecedem a procissão, é instalado um palco na rua defronte a igreja e a programação se estende com shows de bandas gospel.

Além da renda angariada pela quermesse, o comércio local participa com recursos e brindes que são encaminhados para os bingos realizados no período. Geralmente, os prêmios mais cobiçados são os eletrodomésticos, “sempre bem vindos nas casas”, conforme nos reporta D. Moça (Maria José), participante do grupo Legião de Maria. O patrocínio da festa é completado com a participação da Prefeitura de Aracaju, do Governo do Estado que fornecem a infraestrutura de palco, iluminação, trânsito e segurança e apoio financeiro de alguns políticos.

De acordo com Padre Cassio, atual pároco, esse formato de atividades ocorre há seis anos e a participação das pessoas é essencial para que a festa aconteça, pois “favorece a comunhão dos fiéis em torno de Nossa Senhora Aparecida”. Para Almeida (2011, p.3), “a festa comunitária possui a capacidade de produzir símbolos territoriais nos quais o uso social se prolonga além de seu acontecimento”. Com efeito, a festa da paróquia, também padroeira do Brasil, proporciona aproximação dos fiéis, sentido de pertencimento e enraizamento dos moradores partícipes e promotores da festa de seu bairro. Esses elementos perceptíveis contribuem para a construção das referências dos sentimentos e dos sentidos da festa que por ser tradicional, são facilmente perceptíveis. A paisagem em movimento registra a correspondência dos elementos materiais e espirituais que mudam a rotina dos moradores e nesse sentido, seleciona e fragmenta a paisagem do bairro. No entanto, a paisagem festiva que se sobrepõe neste momento é impregnada de sentidos e sentimentos que serão retomados, lembrados e festejados no próximo ano!

D’Abadia (2010), em sua leitura espacial sobre os padroeiros e seus festejos enfatiza que o tempo sagrado “é fundamental para se estabelecer o ordenamento do espaço sagrado”, ou seja, a festa religiosa atualiza ciclicamente o evento sagrado e, nesse sentido, a paisagem e a organização da festa são especiais, diferenciadas, ritualísticas e simbólicas. Em sequência, afirma que “as manifestações culturais, vistas a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

partir da elaboração estabelecida pelo acumulo das experiências humanas, contribuem para o estudo da dinâmica das vivências religiosas, e a festa de padroeiro é um tipo de vivência religiosa inserida no espaço” (p.31).

No contexto das celebrações a Nossa Senhora Aparecida na paróquia do bairro Bugio e de milhares de padroeiros de vilas e cidades do país, o auge da festa ocorre com a procissão. Em todos os dias 12 de outubro quando os sinos ecoam a alvorada às cinco horas, muitos moradores de vários pontos do bairro repicam as badaladas com fogos de artifício em comunhão com os badalos. O bairro acorda para dia da procissão! Neste dia são celebradas quatro missas. As três primeiras são realizadas no templo. A missa das oito horas é realizada em comemoração ao dia das crianças e especialmente dedicada a elas. Às dez horas, celebra-se a missa dos peregrinos que em romaria deslocam-se da paróquia Nossa Senhora de Lourdes situada no bairro Siqueira Campos para o Bugio. Os romeiros são acompanhados por bandas gospel e trio elétrico que, em 2010, reuniu milhares de participantes. Ao meio-dia ocorrem louvores a Santa com repique de sinos, alvorada e oração do Angelus no Santuário. Às quatorze horas realiza-se o Ofício de Nossa Senhora Aparecida e às quinze horas dá-se início à missa campal, com altar montado no palco (figura 01). Em seguida, é rezado o Rosário de Nossa Senhora Aparecida diante do Santíssimo Sacramento e a sua benção como ritual introdutório da procissão, auge da festa.

D. Maria do Carmo, há 15 anos responsável pela ornamentação do andor é vista neste momento, com muita emoção, próxima à Comissão de Apoio. À frente do andor vão se perfilando os coroinhas com a cruz seguidos dos membros do Apostolado da Oração e dos demais grupos. Atrás do andor, os milhares de fiéis vão se acomodando intercalados por trios elétricos e carros de som que entoam cânticos e orações em louvor a Nossa Senhora Aparecida. Autoridades e políticos misturam-se aos fiéis.



Figura 01: Celebração da missa campal no dia 12 de outubro
Fonte: Prefeitura Municipal de Aracaju, 2010.

O percurso da festa é longo, cerca de 4 km, pelas ruas e avenidas principais como mostra a Figura 02. O percurso foi ampliado pelo Padre Cássio e há seis anos “envelopa” o bairro. Até então o andor era conduzido por caminhonete e o percurso limitava-se às redondezas da igreja. O conjunto das atividades do dia, a ampliação do percurso e a forma de condução mais lenta são atribuídas como fatores determinantes do aumento progressivo de fiéis participantes.

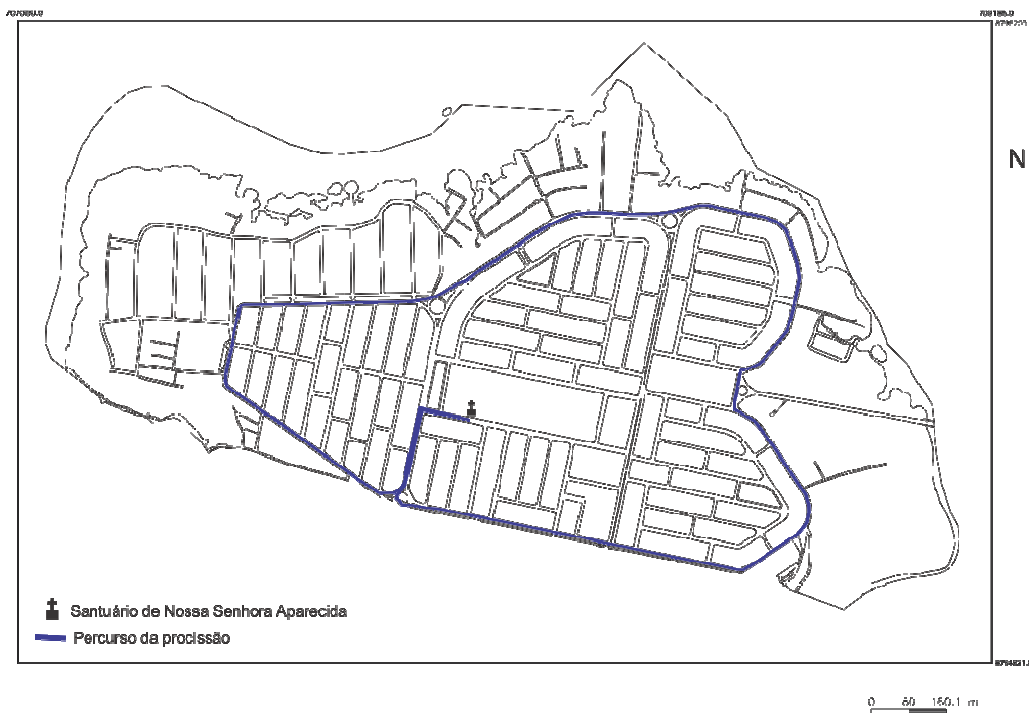


Figura 02: Percurso da procissão de Nossa Senhora Aparecida no Bugio
Organização: Rodrigo Lima, 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Na procissão, elemento obrigatório de culto a um padroeiro, as pessoas se vestem de branco, pagam promessas muitas andam descalças, ou ajoelhadas, carregam imagens, terços, velas, alguns pais cobrem seus filhos com uma manta semelhante à de Nossa Senhora Aparecida, cantam e louvam a imagem da Santa. Segundo o Padre Cássio, quando chegou a Paróquia, eram aproximadamente 6.000 mil participantes, em 2010 foram mais de 60.000 que passaram pelo Santuário. Na peregrinação que sai do bairro Siqueira Campos, “tivemos 10.000 pessoas pelo cálculo da Polícia Militar e, na procissão, mais de 40.000 pessoas”. A procissão é sem dúvidas um elemento aglutinador e, nesse sentido, constitui-se elemento de manifestação identitária gestado pela repetição, mas também, pelas relações empreendidas entre o indivíduo e o coletivo e entre estes e o vivido naquele lugar.

A noite cai rapidamente em Aracaju por volta das 17:30 h e, quando o cortejo retorna ao templo, a imagem é recebida com grande queima de fogos (Figura 03), seguida de shows das bandas gospel. A praça e ruas circundantes são tomadas por uma movimentação distinta. A celebração contida sede à dança, os participantes erguem os braços, cantam, falam alto e se abraçam, bebem e comem sentados, em pé, em grupos.



Figura 03: Alvorada no final da procissão de Nossa Senhora Aparecida
Foto: Rodrigo Lima, 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A festa proporciona o encontro coletivo, mas também, a simultaneidade das lógicas cultural e econômica. A fé move a multidão ao santuário e, “no caminho” leia-se no entorno, barracas de comidas e bebidas misturam-se com as ofertas de diferentes formas e tamanhos da padroeira e de outros santos. O peregrino, agente consumidor do espaço e o turista, cliente usuário da religião (ROSENDAHL, 1996) se misturam no espaço da festa juntamente com comerciantes de bebidas, comidas e artigos religiosos. É visível os sinais simbólicos da crença e da proteção nas posturas, vestimentas e gestos, assim como ao findar da festa extravasa-se o festar, como se aguardando o próximo encontro, no próximo ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se observarmos as definições de festa nos dicionários encontraremos em todos, dentre os inúmeros significados, o sentido de celebração como um acontecimento distinto do corriqueiro. Daí sua apreensão como ruptura do tempo do trabalho e, mais ainda, quando inserida nas religiosas. Como nos mostra Eliade (2010), as significações simbólicas remontam à idade da pedra, permeiam a história universal e estampam as manifestações do sagrado, seus ritos, mitos, crenças, figuras divinas, assim como nossa consciência espiritual.

A nossa leitura incorpora tal acepção e entende a importância do legado da teoria, entretanto, compreendemos a força das relações e práticas sociais na constituição de possíveis marcas identitárias com formação de um território pela cultura, não tão somente pelas imposições mercantilistas da economia da cultura, e sim da experiência vivida no cotidiano no decorrer do tempo. Esta, por vezes desprovida da máxima capitalista contida na concepção lefebvriana.

Apresentamos um quadro interpretativo da realidade vivida no Bugio e, tal como sinaliza Gomes (2003), procuramos analisá-la pela dinâmica das relações espaciais vivenciadas, ciclicamente, na Festa de Nossa Senhora Aparecida, mas que, como demonstrado, gestada no cotidiano. Enquanto representação cultural do bairro



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

comungamos com Almeida (2003), sobre a importância do estudo das representações para a apreensão de valores e sentidos identitários dos lugares e ainda, “entender a maneira pela qual as pessoas modelam as paisagens e nelas afirmam suas convicções” (p.71).

Com a festa de Nossa Senhora Aparecida a religião católica se impõe na relação simbólica cultura/espço pela presença cotidiana de fiéis numericamente superiores às demais. Os moradores do bairro “recebem” e interagem com a comunidade cristã da paróquia em teias de relações que, ao mesmo tempo que transpõem os limites do Bugio, fortalecem a identidade de ser no Bugio. A organização e a produção de rituais, procissões, novenas, quermesses, shows, dentre outras, propiciam multiterritorialidades (HAESBAERT, 2006), que se fortalecem no refazer das tradições. Seja na procissão, seja nos rituais rotineiros, as pessoas praticam e demonstram suas crenças e fé transformando o bairro nos momentos especiais da celebração à Nossa Senhora Aparecida, do novenário aos cultos e ao auge da procissão. Nessas ocasiões, as roupas são distintas daquelas usadas para o trabalho; muitas famílias estão reunidas e se comportam diferentemente do dia-a-dia. As calçadas e ruas recebem esse fluxo diferenciado de fiéis (peregrinos, pagadores de promessa, organizadores, assistentes, acompanhantes, etc.), mas também comerciantes de comidas à artigos religiosos, trabalhadores da limpeza e infraestrutura, etc.). O tempo e o espaço do trabalho, da fé e da festa se entrelaçam em multiterritorialidades.

Assim, percebemos a centralidade do Bugio no momento da festa a distinção entre os que organizam e os que participam conformando sua vivência, sua produção e sua manutenção. Relações de vizinhança, solidariedade e sociabilidades surgem entremeadas de relações de poder e conflito, permeadas no fluxo das formas visíveis e invisíveis de sua reprodução. Esse conjunto pleno de funcionalidades e simbolismos é componente fundante da identidade territorial dos moradores para com o Bugio. Afinal, são eles os atores que dão sentido, ritmo e forma ao território e a festa de Nossa Senhora Aparecida insere-se nesses sentidos.

REFERENCIAS



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ALMEIDA, M. G. de. Festas rurais e turismo em territórios emergentes IN: **Biblio 3 W** vol. XV, nº 919, 2011, p1-13.

ALMEIDA, M. G. de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações IN: ALMEIDA, M. G. de & RATTS, A. J.P. **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e identidade religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos no Estado de Goiás**. (Tese de Doutorado) Instituto de Estudos Socioambientais, Programa de Pesquisas e Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia: 2010.

DE CERTEAU, Miguel. **A invenção do cotidiano**. Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 1997.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**. Vol. 1. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editora, 2010.

GOMES, A. M. A. As representações sociais e o estudo do fenômeno do campo religioso IN: **Ciências da religião: história e sociedade**. São Paulo: v.2, nº 2, p. 35-60, 2004.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA, Rodrigo. **Atitudes e percepções na construção de territórios identitários: o bairro Bugio em Aracaju/SE**. (Dissertação de mestrado). Núcleo de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2011.

PRIORE, M. Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem**/ Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

_____. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. IN: **Revista eletrônica de jornalismo científico ComCiência**. Disponível: <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/12.shtml> acesso em 01/02/2010.

VARGAS, M. A & NEVES, P. **Inventário cultural dos territórios sergipanos**. Secretaria de Planejamento/Sergipe, Aracaju: 2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

VARGAS, M. A. M. *et. al.* As festas do ciclo natalino em Sergipe: IN: **Relatório parcial, “A dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe**, Edital ProCultura/2008, Capes/MINC. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Geografia/UFS, 2010.